

Sempre houve natureza e sociedade. E também quem notasse o contraste entre as duas. Mas, em tempo algum, alguém fez desse contraste um motivo de filosofia como a escola de Baden, dirigida por Windelband e Rickert. Antes deles, Dilthey já havia concluído pelo mesmo resultado. Mas não fez escola, ficou somente como precursor. Não nos interessa expôr a evolução da idéa, e sim resumir a concepção já bastante divulgada da filosofia de Rickert.

Em 1899, era Rickert professor da Universidade de Heidelberg e tinha 36 anos de idade, quando publicou o seu livro básico — **Ciência cultural e ciência natural**. Como **Os dados imediatos** de Bergson, esse livro revolucionou completamente os quadros clássicos da colocação dos problemas filosóficos. O século XX entrava com uma nova filosofia. Se não totalmente nova, pelo menos com os velhos ensaios e tentativas reduzidos a sistema e postos em acôrdo com os resultados mais recentes da filosofia moderna. No idealismo alemão, Kant e Hegel foram os precursores. Junto deles, e contemporâneo de Rickert, estava Wundt. Quanto aos seus precursores, ninguém mais honestamente do que o próprio Rickert nos esclarece a respeito. Nem por isso a sua originalidade deixa de existir. As conclusões que ele tirou daquele contraste são inteiramente novas. Embora outros já tivessem apontado o contraste natureza e história, ciências da natureza e ciências do espírito, foi ele quem o aprofundou e o transformou em um sistema radical e mais amplo: o da filosofia dos valores. Sua filosofia descansa nestes dois extremos, a que ele chama de oposição capital: mundo natural, ego para todos os valores e mundo cultural, com referencia a valores.

Se existe esses dois mundos, tuão que é pensado pelo homem só pôde ser classificado dentro de um deles. São como dois sistemas de coordenadas, a que nada escapa: ciência, filosofia, arte, religião, inclusive a poesia. E é o que desejamos provar. Excluindo o poeta, que é o interprete, o elemento neutro, o substratum, o suporte, a parte subjeiva, restam somente dois mundos abertos para a inspiração poetica: a natureza e a sociedade. Não interessa discutir agora a poesia subjeiva, monologal, introspectiva; a que se volta sobre si mesma e permanece como que num ciclo fechado. Nem interessa discutir se afinal de contas tudo não se resume á sociedade, por ser o poeta um homem que vive entre outros. Não interessa, porque se ele vive na sociedade, vive também na natureza. De resto, não se trata aqui da gênese da poesia, de teorias psicologicas ou sociologicas ou sociologicas da poesia, e sim busca dos motivos poeticos, da poesia escrita, do conteúdo daquilo que o poeta contou. A essencia da poesia varia com o mundo a que se refere. A natureza é determinista, fatalista,rega para todos os valores, dá o que tem de dar, impõe-se por leis rigidas e inflexíveis. O homem tem de aceitá-la tal qual ela é, sem que possa modificá-la grandemente. Perto dela, se ele não desaparece, pelo menos pouco pôde. Não a transforma, sobre a sua ação. A sociedade já é outro mundo. Menos fatalista, menos distante do homem que vive nela. Embora ele não se sinta autónomo no seu dominio, sabe-se ao menos cúmplice na sua construção e no seu desenvolvimento. Pôde transformá-la, ela é criação humana. Foi feita pelos homens, é mera convenção entre alguns. Se não todos, pelo

menos alguns. Mas todos têm indistintamente o direito de opinar sobre ela. Ela **deve ser** de outro modo. E é esse o contraste maior entre natureza e sociedade: a natureza é, a sociedade **deve ser**. Natureza significa nascimento espontaneo, necessidade fisica, ausencia de trabalho humano. Sociedade significa criação, cultura, valoração do que era natureza. Em resumo, valoração do trabalho humano. Porque a natureza é sempre neutra e imparcial em face do drama humano. As suas auroras, os seus crepusculos, as suas estrelas e os seus luars continuam sempre os mesmos. A tragedia humana não lhe importa, muito menos a alegria dos homens. Seja natal, ano-bom, carnaval, finados, são-joão, os dias são sempre os mesmos, com o mesmo ritmo, com as mesmas vinte e quatro horas. Também a forma da sociedade não lhe importa. Se os homens fazem revolução, se morrem de fome, se vivem bem ou mal, se amam ou odeiam, também lhe é indiferente. O céu da China e da Espanha não se modificou com a guerra, continha azul, vermelho e negro. Depois da chuva, aparece o arco-iris. Vento como antes, as arvores continuam verdes, o mar bate sempre igual. Mas o soldado que caminha para a morte não a vê do mesmo modo que via antes. Para ele, o céu já não é o mesmo, o mar já não é o mesmo, a lua já não é a mesma. Sua **valoração** já é outra. O que vale é o homem, e não a natureza. Em face das tragedias, as da natureza nada valem, desaparecem. A cada tragedia da natureza correspondem milhares de tragedias humanas. O homem é bem mais trágico do que a natureza. A propria natureza é vista através da sociedade. Não é só do temperamento. O morador do Mucambo, que vigia a todo instante o mangue que ameaça invadir-lhe a choça, e o morador do palacio não a contemplam com a mesma alma. Visto do alto e a salvo, os mangues chegam a ser bonitos ao luar... O trabalhador do mar, que luta com ele para sua subsistencia, não o vê do mesmo modo que o príncipe que passava em seu iate. O lavrador, que su'a sob o sol ardente e que se curva exaustão sobre a terra ingrata e dura, não a acha tão bela como o seu rendeiro que dela só recebe os lucros. A natureza é sempre indiferente. Todos os homens são iguais para ela, a sociedade é quem os diferencia, é quem os faz vê-la de outro modo. Ela é vista da posição social de cada um. Uns a sofrem, outros a gozam. O sol nasce para todos, mas nem todos o recebem igualmente. Ha os que o suportam doze horas por dia, ha os que só o vêem através das grades da prisão, e ha ainda os eternos moradores de hospitais que nunca o vêem! A natureza é sempre monótona, não muda, repete-se eternamente. A alma humana e a sociedade são bem mais complexas e inquietas. E como elas, a poesia: a poesia da natureza é estática, é parada, é monótona; a poesia da sociedade é dinâmica, é revolucionaria, é critica.

Um exemplo tipico de tudo isso que foi dito até aqui é "Porto Inseguro", de Rossine Camargo Guarnieri. Nesse livrinho tudo é admiravel menos o prefacio. Mario de Andrade ou já está cansado ou escreveu o prefacio com má vontade. Não disse quasi nada, e o pouco que disse foi a seu proprio respeito.

Guarnieri é um poeta quasi que exclusivo da sociedade, não lhe im-

Ossine

TO DE MORAES FILHO
(para DOM CASMURRO)

porta a natureza. Quando ela aparece em seus poemas é sempre como inimiga do homem que trabalha e que sofre. Os líricos e os românticos, á Bilac, é que cantavam uma natureza bondosa, vasta, de cenário de teatro. O homem só olha para a natureza quando não tem mais o que olhar para a sociedade. O poeta infeliz, triste, introvertido, olha para dentro de si mesmo. O seu mundo interior é a sua tragédia. A sua dor o envolve e o isola da natureza e das outras dores humanas. O poeta revoltado, humano, revolucionário, olha para a sociedade. A dor dos outros é a sua dor. Se ele já tem uma — e quasi sempre a tem, — ainda melhor. Compreende a dos outros. A natureza em Guarnieri é sempre em função do homem que está em luta com ela. Em sua poesia não aparece nem uma lua, nem uma estrela, nem um céu. Quando aparece é assim: "é preciso acalhar com a malandragem das estrelas", "e as estrelas brilham no céu com o mesmo desprestígio". O seu mundo é outro, é mais trágico e mais próximo dele. É a terra, o mar e o sol, um pouquinho. Os homens os sentem diretamente, na mão calosa, na sufocação do naufrágio, nas costas queimadas. O seu mar está povoado de mortes e de tempestades, é um mar que atraiçoa e mata. A sua terra é dura e árida, não ajuda o homem a viver, não é sua aliada. O mar aparece em "Canto Novo", em "Quando, irmãos?", em "Naufrágio", em "Tempo perdido". A terra em "Reformatório modelo", "Canto Novo", "Paizagem", "Toada da vida presa" e "Pomar". O seu mar não é o das praias, nem os de passeio a barco-motor:

**As ondas prateiras trazem
a mensagem dos naufrágos**

.....
**destroços de barcos arrebutados
em longínquos mares tempestuosos.**

Talvez que o maior poema de Guarnieri seja "Reformatório Modelo". É o mais épico, o mais trágico. Tirado de um mundo vulgar, quotidiano, pequeno, alcança um paroxismo de desespero talvez não igualado em nossa poesia. Vejamos um exemplo da luta do homem com a terra:

**12 horas. A terra queima os pés en-
carquilhados.
Não ha mais adjectivos para o sol.
Cavar... Cavar... Cavar...**

Outras vezes, a natureza dá frutos mas a sociedade indica quem os deve colher. Lá, era o homem que queria e a natureza que não dava. Aqui, é o contrario: a natureza dá e o homem não pôde aceitar. Sempre tragédia, como naquella "Noite":

**Não ha mais poetas
porque os frutos morreram
pendendo dos galhos mirrados.**

naquella "Pomar":

**Porque será que os frutos estão
caíndo,
porquê será que os frutos estão vol-
tando
tristemente
ao seio maternal da terra
quando ha tantas bocas famintas
implorendo inultimente o que comer?**

Uma grande característica da poesia vanguardista de hoje é o seu ecumenismo, a sua totalização. A

universalização e o coletivismo da época atual foi um dos argumentos de Berdiaeff a favor da sua nova Idade Média. Volta-se ao humanismo. Nunca houve uma procura tão grande do "homem" como agora. Alguem já mostrou a aproximação do nosso século com o XIII^o, época em que viveu S. Francisco de Assis. E de fato. Em Guarnieri é constante a busca do "irmão" que sofre. Talvez seja essa a característica mais forte da sua poesia, que o coloca sem favor como o mais humano dos nossos poetas. O simples titulo de uma das suas poesias prova a tese acima: "Coração Cosmopolita". Embora o motivo se repita em inumeras poesias, como "Fraternidade", "Toada do menino pobre", "Poema de Natal escrito num bonde" e "Bilhetinho para um condenado", darei dois exemplos bem significativos:

"Quando, irmãos" —

**Quando, irmãos, as pombas brancas
pousarão
nos nossos hombros
para falar ao coração de todos nós?
Quando, irmãos?
Quando?**

"Canto Novo" —

**Levar minha mensagem sem fron-
teiras,
meu canto novo de irmão!**

Um outro elemento da nova poesia, segundo Epstein, é a sua tendência em falar em linguagem do futuro. Pelo menos, de não colocar no futuro os males que o presente possui. Guarnieri não escapa tambem a mais esta característica. Em toda sua poesia palpita uma sensação de angustia, de mal-estar, de sufocação. Ele e nós nos sentimos abafados num presente tão triste e infame! Os poetas já não são mais permitidos, foram expulsos desse mundo. A terra é fria e plana. A vida está morrendo, é preciso salvá-la. O mundo parece parado. Por isso, o poeta se sente manietado, ha os máus que procuram estrangulá-lo. Na poesia de Guarnieri aparece muito "prêso", muita "noite", muito "silêncio". Ha falta de ar, ha mãos crispadas, ha gritos de desespero. O poeta faz côro com os que pedem socorro, é preciso uma outra vida. Esta vida de hoje está errada. O mundo caminha ás cegas, sem destino. Mata judeus, mata crianças, mata inocentes. Ainda de acôrdo com Rickert, Guarnieri, como poeta da sociedade, é um revolucionário. Na natureza, o poeta a recebe tal qual ela é, bela ou feia, triste ou alegre. Na sociedade, o poeta diz o que ela deveria ser, ele só sente que ela existe quando em sofrimento, em desespero, em revolta. Os verbos na poesia de Guarnieri vêm quasi todos no futuro, como acontece com a poesia dos antigos hebraicos. A dor de hoje não ha de durar sempre, e os verbos de Guarnieri são: "chegará", "virá", "existirão", "haverá". O mal tomou conta do mundo. Por toda parte ha progoms, ha tristezas, ha vidas presas, ha meninos pobres, ha lamentações, ha condenados á morte. Irmão mata irmão, os homens se odeiam, o poeta é expulso da vida:

**O mundo não tem mais beleza nem
poesia**

**não tem mais paz,
não tem mais alegria
E' tudo triste e máu.**

Apezar de Dostolewsky não ser poeta, eu agora me lembrei dele. Em alguma parte, ele escreveu que nada ha neste mundo tão puro e tão belo como as crianças e os passarinhos. Tambem disse ele, no mesmo livro, que a compaixão é o que de mais sublime existe na natureza humana. E ninguém mais cri-
tão • bíblico do que Dostolewsky. Está explicada a associação com